

## JORNALISMO INVESTIGATIVO E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NA IMPRESSA CARIOCA

**Aluno: Marcelo Alves**  
**Orientador: Leonel Aguiar**

### Introdução

O texto a seguir continua a exposição dos modelos de investigação jornalísticas expostas no ano passado. Assim, voltamos aos mesmos textos de maneira a aprofundar os trabalhos sobre os critérios de noticiabilidade que envolvem o jornalismo investigativo. Antes nos detemos mais na prática, no trabalho de campo e, hoje, nos critérios em si.

Dessa forma, o modelo escolhido para justificar a presença do pesquisador junto à redação com as quais dialoga está baseado no modelo etnográfico estabelecido por Clifford Geertz. A partir dos pressupostos contidos no conceito de *Descrição densa*, o pesquisador faz uma imersão no ambiente com o qual deseja estabelecer algum tipo de estudo, no caso da redação dos jornais *O Globo* e *O Dia*. Esta é a base da chamada *Teoria do Newsmaking*.

Pretende-se, dessa maneira, identificar quais são os elementos fundamentais que gerem as rotinas produtivas da indústria jornalística do Rio de Janeiro. A pesquisa para a construção deste texto tem como base os jornais impressos e foi realizada junto aos produtores das reportagens através de entrevistas, leitura das matérias publicadas e relato dos mesmos em congressos e outros eventos.

O modelo escolhido para justificar a presença do pesquisador nas redações está baseado na etnografia estabelecida por Clifford Geertz. A partir dos pressupostos contidos na chamada *Descrição densa*, o pesquisador faz uma imersão no ambiente com o qual deseja estabelecer algum tipo de estudo, no caso as redações dos jornais *O Globo* e *O Dia*. Esta é a base da chamada *Teoria do Newsmaking*.

Metodologicamente foram escolhidas quatro séries de reportagens, uma do jornal *O Dia* (*Dossiê Milícia*) e as demais do jornal *O Globo* (*Ditadura nas favelas*, *Favela S/A e Democracia nas favelas*). As séries foram construídas por jornalistas investigativos dos jornais citados. Todos premiados em diversas categorias dos principais prêmios do jornalismo brasileiro e do mundo.

Para cada uma das séries percorremos todo o processo produtivo que levaram a publicação do texto final, desde o surgimento da pauta até a publicação. Principalmente a forma como se dava o trabalho das equipes coordenadas por jornalistas investigativos João Antônio Barros, do jornal *O Dia*, e Angelina Nunes, do jornal *O Globo*.

A ênfase do trabalho recai sobre o grau de relevância entre os acontecimentos e o que se entende por noticiabilidade (*newsworthiness*), isto é, a qualidade que um acontecimento precisa possuir para ser transformado em notícia. Referir-se a noticiabilidade requer um desdobramento sobre os valores-notícia. Um dos primeiros autores a pensar valores-notícia foi Walter Lippmann, na obra “Opinião pública” de 1922.

Noticiabilidade são critérios, operações e instrumentos utilizados pelos *gatekeepers* e jornalistas para separarem de uma quantidade infinita de acontecimentos aquilo que pode ser chamado de notícia. Entre os critérios estão desde a organização física da redação, passando pelo número de profissionais envolvidos com a notícia, os custos e a possibilidade de se conseguir realizar a pauta pretendida. Cada um desses critérios pode ser chamado de valores-notícia.

São eles os responsáveis pela qualidade da matéria final, bem como a relação com o público leitor. A noticiabilidade de um acontecimento é negociada entre jornalistas, chefias e todos os envolvidos no processo produtivo. Os valores notícias são aprendidos por “osmose” nas redações. Eles também fazem parte da política editorial de um dado veículo de comunicação.

Segundo Lage (2004), apesar de toda reportagem pressupor apuração e investigação, a denominação jornalismo investigativo se tornou constante na bibliografia sobre o assunto. De uma maneira sintética, é possível entender o jornalismo investigativo como uma forma de reportagem extensa que exige longo tempo de trabalho na apuração das informações por parte dos repórteres.

Por produzir grande efeito junto ao público leitor, traz benefícios não somente para a carreira do jornalista que a produz quanto para o jornal. O jornalista fica famoso e passa a ser reconhecido por seus parceiros de profissão e o jornal tem a sua tiragem de venda aumentada. Geralmente esse tipo de publicação constitui bom retorno financeiro para o jornal.

Essa maneira de se fazer jornalismo teve grande impacto nas mídias impressas mundiais após a Segunda Guerra Mundial, especialmente dentro do contexto de Guerra Fria. Chamado de jornalismo democrático, seu divisor de água foi o caso *Watergate*, que levou à queda do presidente norte americano Nixon.

Dessa maneira, a imprensa investigativa, por princípio, não se limita a ser intermediária entre os canais oficiais de informação e a opinião pública. Não reproduz releases e comunicados. Questiona versões oficiais dos acontecimentos. Instala dúvidas nas versões oficiais e indaga fatos ocultos.

No desenrolar do texto será exposto que os jornais em questão, além de construírem reportagens utilizando-se diversas fontes, também utilizam técnicas como a RAC (Reportagem Assistida por Computador). Esta última bastante apreciada pelos jornalistas do jornal *O Globo*. Além da RAC igualmente pôde-se identificar operações típicas do chamado Jornalismo de Precisão.

As relações entre o profissionalismo, a hierarquia e a exaustiva testagem dos dados investigados, garantem o sucesso deste processo de construção de reportagem. Esse fato pode ser verificado através do grande número de prêmios, principalmente, os Prêmios Esso e Embratel, que essas reportagens ganharam por escolha da própria comunidade jornalística.

## **Os critérios de noticiabilidade**

A quantidade de fatos e acontecimentos são infinitos e, portanto não caberiam em um jornal. Essa constatação não é nova. Tobias Peucer (2004, p.28 e sgts) no século XVII, já defendia a ideia de que era necessário estabelecer uma seleção e dar preferência aos fatos que deveriam ser recordados na posteridade, ou mesmo, conhecidos por parte dos leitores. Peucer expôs as bases do que Breed, Galtung, Ruge, Wolf da noticiabilidade e dos valores-notícia.

O estudo sobre os critérios de noticiabilidade que regem a produção jornalística desde seu início com Rude e Galtung (1965), passando por Sousa (2000), Traquina (1993, 2001, 2002, 2005), Wolf (1987), Golding e Elliott (1979), Gans (1979) e Schlesinger (1978) até hoje ocupam bastante espaço dentro do campo acadêmico.

Desde o surgimento da pauta até a publicação da matéria, diversos fatores influenciam o texto final, influenciando a construção da narrativa e a realidade a que ela faz referência. Muitos dos teóricos do jornalismo como citados acima chamam atenção para o processo histórico da visão negativa do mundo por parte dos jornalistas. E fora justamente essa

constatação que os fizeram debruçar sobre os métodos utilizados pelos jornalistas para construir suas matérias jornalísticas.

Esses elementos são chamados noticiabilidade. Esta última seria um conjunto de operações que destacam a aptidão de um acontecimento vir a ser tratado pelos jornalistas. São formados por conjuntos de valores-notícia. Para Sousa (1999),

a noticiabilidade é uma qualidade que, segundo me parece, encontra explicação na conjunção de vários fatores conformativos principais: a ação pessoal, a ação social, a ação ideológica e a ação cultural.

Ou Traquina (2005):

São conjuntos de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável, e, por isso, possuindo valores-notícia.

Sobre o fator “Ação social”, o autor explica que a notícia são resultantes de constrangimentos só sistema social. “Ação pessoal”, as notícias resultam parcialmente das pessoas e instituições. Ação ideológica, as notícias são resultantes de forças de interesses que dão coesão aos grupos sociais. E por fim, a “Ação cultura” revela ser a notícia um produto cultural, é produzida dentro de um dado sistema cultural.

Assim diversos autores como Wolf (2003), têm os valores-notícias como elementos constantes no processo de construção da notícia. São utilizados pelos jornalistas quando estes se colocam como *gatekeeper*, levando a narrativa os elementos mais significativos de um dado acontecimento.

Wolf (2003) tem os critérios de noticiabilidade como “conjunto de operações e instrumentos” com os quais a imprensa seleciona, dentro de um conjunto infinito de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. Vincula-se com a estrutura de trabalho da empresa jornalística e com o processo de standardização das práticas produtivas. A produção de notícia seria planejada do mesmo modo de uma rotina industrial.

A aplicação dos critérios de noticiabilidade está baseada aos valores-notícias. Segundo Tuchman (1978) os valores-notícia constituem resposta ao principal problema do jornalismo. Ou seja, respondem à pergunta quais são os acontecimentos considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia.

Para Traquina (2005) os valores-notícia são parte constituintes da própria cultura profissional do jornalista. Para Golding e Elliott (1979), são importante elemento de interação profissional constituem dispositivos práticos sobre a natureza e os objetos das notícias. São importantes porque são utilizados para facilitar à complexa e rápida elaboração da notícia.

Através dessas ideias, Mauro Wolf (2003) expõe que uma publicação está condicionada a uma série de acontecimentos. Para ele:

O produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve e de que modo ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção (WOLF, 2003: 200).

Segundo Traquina, Galtung e Rude foram os primeiros pesquisadores que se dispuseram a identificar os valores-notícias como instrumental para se entender o modus

operandi da tribo jornalística. Já em 1965, os pesquisadores, desejavam identificar quais seriam os fatores que influenciavam o fluxo de notícias pelo jornais americanos.

Traquina (2005) salienta a partir das ideias defendidas por Galtung e Rude que um acontecimento será tanto mais noticiável quanto maiores forem os números de valores-notícia. Esta não é uma regra absoluta.

Tentando responder à pergunta “como é que os acontecimentos se tornam notícia” Galtung e Rude enumeraram doze valores-notícia. Frequência; amplitude do evento; clareza ou falta de ambiguidade; significância; a consonância; o inesperado; a continuidade; a composição; a referência; referência a pessoa de elite; a personalização e a negatividade.

Quando o autor fala em frequência os autores estão referindo-se a duração do acontecimento. Assim, a tese defendida é que,

quanto mais a frequência do acontecimento se assemelhar à frequência do meio noticioso, mais hipóteses existem para os acontecimento serem registrados como notícia por esse mesmo meio noticioso (TRAQUINA, 2005:70).

Para se referir a amplitude de um acontecimento Rude e Galtung argumenta que quanto mais amplo for a amplitude de um acontecimento, maiores serão sua audição. Existem algumas etapas pelas quais os acontecimentos devem passar para que possa ser registrado em forma de notícia.

No que diz respeito a clareza, os autores revelam que há a necessidade de clareza em um acontecimento. Eles defende a existência da menor ambiguidade possível. A interpretação deve ser clara em seu significado. Tem-se, ainda, o valor-notícia significância. Este tem duas interpretações. Uma diz respeito à relevância do acontecimento, ao impacto sobre o leitor. A outra vincula-se a proximidade cultural.

Em relação a consonância, a facilidade de inserir o novo a uma velha ideia que corresponda ao que se espera que venha a acontecer. Isso porque existe uma pré-imagem mental onde o novo é colocado ao lado da velha ideia, para facilitar seu entendimento.

Em relação ao inesperado tem-se que quanto mais inesperado for um acontecimento os valores que os transforma em notícia são os maiores possíveis. Galtung e Rude (1965) escrevem “*é o inesperado dentro dos limites do significativo e do consonante que atrai a atenção de alguém, e por inesperado, queremos dizer duas coisas: inesperado ou raro*”.

A continuidade para os autores supracitados consiste na ideia de que após um acontecimento ser visto pelo jornalista como notícia, assim será pelo restante do tempo em que estiver em evidência, mesmo que a sua amplitude seja reduzida. Quando se fala em composição o que é mais levado em conta são a significância da notícia. Está ligado a necessidade de se manter um equilíbrio entre as notícias, abordando-se o máximo de assunto. Para isso recorre-se a outros valores-notícia. O valor composição é utilizado devido a escassez de tempo e espaço que regulam a produção jornalística.

Quando os autores se referem a centralização das notícias junto às elites eles abordam outro valor importante. Os jornais e, também, a televisão recorrem às elites para preencherem seus noticiários. Dessa forma, os meios noticiosos falam mais um grupo de pessoas ou países que outros. Seguindo a mesma lógica, tem-se na fonte ou produtores de acontecimentos significativo o valor notícia da personalização. A notícia possui maior atributo quando a fonte é relevante pertencente a elite intelectual, governamental e outros grupos. Para que esse valor seja desprezado a notícia por si só deve ser muito interessante.

Um dos valores mais difundidos no meios acadêmico e nas redações é o valor-notícia negatividade. Quanto mais negativo for um acontecimento maiores são seus atributos para que o mesmo seja transformado em notícia. Rude e Galtung (1965) enumera diversos fatores para explicar esse posicionamento. Dizem eles, as notícias negativas satisfazem melhor o

critério da frequência. As notícias negativas são consensuais e quase inequívocas. São mais consonantes, já existem pré-imagens estabelecidas. São mais inesperadas que as positivas. São mais raras.

Sousa (1999) revela que as lista de critérios de noticiabilidade proposta por Galtung e Ruge (1965) ainda continuam atuais. Para isso, o autor volta-se para a história. Ele recorre a Stephens que afirma que os valores-notícia são historicamente estáveis. “Privilegia-se o extraordinário, o insólito, a atualidade, a referência a pessoas de elite, a transgressão, as guerras, as tragédias e a morte”.

Também os canadenses Ericson, Baranek e Chan (1989) deram-se a pesquisar o processo de construção da notícia. Os autores classificam os valores-notícia em Simplificação (clareza de Galtung), Dramatização, Personalização, Continuidade (consonância de Galtung), Consonância (“eterna repetição” de fatos previsíveis), Inesperado e Infração (de leis).

A simplificação para os canadenses está ligado a possibilidade de um acontecimento tornar-se significativo, e claro naquilo que ele significa. Para Traquina (2005), a simplificação está ligada à proximidade cultural do acontecimento. Ambiguidades tanto no acontecimento quanto no relato deve ser afastada.

Ainda levando-se em conta a proximidade cultural, a noticiabilidade também depende de certa dramatização. Este seria um limiar, um limite que julga até que ponto algo pode vir a ser noticiado. A dramatização para os autores liga-se a personalização. Isso porque os acontecimentos são retratados em termos de personalidades-chaves. Quando as notícias retratam organizações, estas são personificadas pelos atores envolvidos.

Sobre a continuidade em Ericson, Baranek e Chan (1989) tem-se que o acontecimento quanto mais próximo daquilo que já se conheceu, ou seja, com algum fato que já fora noticiado anteriormente, melhores são as chances de que a notícia se perpetue no tempo, pelo menos até que outro acontecimento surja como mais importante para o momento presente e também faça o mesmo.

Traquina citando os autores canadenses revele que “o acontecimento específico é mais noticiável se for contínuo a acontecimentos prévios”. O valor não estaria, assim, no novo e sem na possibilidade de haver continuação dentro de algo que já se coloca como familiar. Rock (1973) citado por Traquina revela:

Espera-se que as manifestações iminentes sejam violentas, e os repórteres focam sua atenção nas pequenas brigas e não nos problemas levantados pelos manifestantes. Neste tipo de cobertura constrói-se um enorme lote de conhecimentos estereotipados para garantir visualmente “a eterna repetição” (TRAQUINA, 2005:75).

Os autores defendem a ideia de que mesmo o jornalismo buscando algo que possa ser visualizado pelo leitor, o inesperado é sempre algo positivo de ser noticiado. Se o inesperado for um acontecimento negativo o valor-notícia atinge seu clímax. Esse acontecimento não pode deixar de ser noticiado. Para Ericson, Baranek e Chan (1989) “as más notícias são boas para o discurso noticioso”.

Outro valor-notícia importante para os canadenses é a infração. Eles revelaram em seus estudos que a infração das leis, a má gestão, o mau comportamento e os desvios por parte dos governantes, funcionários públicos, e demais autoridades possuem grande noticiabilidade. Como afirma Traquina, através desse modelo os autores defendem a função de policiamento do jornalismo sobre a sociedade.

Continua Traquina,

Os alvos do policiamento jornalístico incluíam os indivíduos e as suas organizações envolvidos na “vida política” numa base contínua; os políticos são um alvo predileto, tanto individualmente como por serem membros do governo, de partidos políticos ou de facções (TRAQUINA, 2005:76).

Mauro Wolf e Nelson Traquina também dissertaram sobre os valores-notícia. Antes mesmo de se aprofundar nos critérios que envolvem a construção da notícia, Traquina afirma que os próprios jornalistas possuem valores-notícia inserido em sua prática profissional. Ele revela que os óculos particulares citado por Bourdieu são os valores específicos aos jornalistas. Citando Bourdieu Traquina afirma que:

Os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado (TRAQUINA, 2005:77).

Diferentemente dos demais pesquisadores Wolf (2003) e Traquina (2005) estabelecem a distinção entre os valores-notícia de seleção e construção. Eles não negam a existência, nos textos dos autores Ericson, Baranek e Chan e Galtung e Rude, de valores-notícia de seleção e construção, mas enfocam que não há a clareza sobre essa distinção.

Segundo Wolf os valores-notícia de seleção referem-se ao momento em que o jornalista está em campo apurando as informações sobre os acontecimentos. Os critérios de seleção por sua vez são subdivididos em dois: critérios substantivos e contextuais. Os substantivos referem-se a avaliação e hierarquização dos critérios de noticiabilidade que envolvem um dado acontecimento. Os contextuais fazem referência ao contexto de produção da notícia.

Traquina (2005) subdivide os valores de seleção em duas partes: critérios substantivos e critérios contextuais. Os primeiros estão ligados às características do conteúdo das notícias, isto é, o modo como os acontecimentos se transformam em notícia. Para Wolf (2003) os critérios substantivos articulam-se, ainda, com outros dois fatores: importância e interesse da notícia. O fator importância, por sua vez, é determinado por quatro variáveis: notoriedade, proximidade, relevância, significatividade.

Sobre o critério substantivo importância, o fator notoriedade implica no grau e nível hierárquico dos atores envolvidos em um acontecimento. Desse modo, a hierarquia governamental é um facilitador da tarefa dos jornalistas porque mostra-se visível a hierarquia das autoridades. Wolf (2003) também define o grau do poder institucional, o relevo de outras hierarquias não institucionais, a possibilidade de serem reconhecidas para além do grupo em questão e a amplitude e o peso dessas organizações em termos sociais ou econômicos como parte integrante dos valores-notícia importância.

É fácil visualizar este valor-notícia ao ver a cobertura de um congresso partidário e a forma como os membros da tribo jornalística andam atrás das estrelas políticas. Como no tempo das “folhas volantes”, a celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos em um acontecimento tem valor como notícia (TRAQUINA, 2005:79).

Proximidade, outro critério muito usado pelos produtores de notícia, relaciona-se com o impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional, geografia, economia, política ou cultura. Essa variável determina que a importância de um acontecimento está ligado ao impacto que ela poderá influir sobre os interesses do país. Isso significa que para algo ser noticiado faz-se necessário que o mesmo possa ser interpretado pelos potenciais leitores. Isto é, deve fazer parte do contexto cultural de onde a notícia circula ou produz maior impacto. A proximidade geográfica refere-se à regra prática das notícias internas de um país, já as externas, sofrem distorções pelos mecanismos de apuração das informações, já que são, em muitos casos, fruto de agências e não de correspondentes.

Wolf (2003), e também Traquina (2005), discorre sobre a relevância da notícia. Esta variável aponta para a quantidade de pessoas envolvidas em um acontecimento seja como atores ou espectadores. Citando Golding e Elliott, Traquina afirma:

Os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas e quanto mais elevado for o número de pessoas envolvidas num desastre ou quanto mais elevada for a presença de “grandes nomes”, maior é a notabilidade desses acontecimentos (TRAQUINA, 2005:83).

Assim, a relevância determina que a noticiabilidade tem relação com a capacidade de o acontecimento incidir ou ter impacto sobre diversos grupos sociais ou sobre o país. Bem como a condição negativa de um acontecimento.

No que diz respeito ao critério notabilidade, Traquina (2005) afirma que este existe porque o campo jornalístico está condicionado para a cobertura de acontecimentos e não de problemáticas. Falar de problemáticas exige tempo para se elaborar a cobertura. Isso significa que a atividade prática do jornalismo tem como tirano o tempo. Sendo o tempo um condicionante a ser considerado dentro do processo de produção da notícia, faz-se necessário dar ênfase aos acontecimentos mais notáveis, bem como os atores envolvidos. É dessa maneira que diz-se notícia “o homem que morde o cão, e não o cão que morde o homem”.

Diferentemente de Wolf (2003), Traquina (2005) dá ênfase a negatividade no jornalismo como um valor-notícia a ser considerado. Para tanto ele recorre às notícias sobre morte. Diz que “onde há morte, há jornalistas”. Para a comunidade interpretativa a morte é um dos pilares que explicam a visão negativa expostas pelos meios noticiosos diariamente nas páginas dos jornais.

No tocante a significatividade, tem-se que a importância do acontecimento está ligado a possibilidades futuras de uma dada situação. A cobertura jornalística que se reserva em relatar de forma a envolver os leitores, possui maiores chances de sucesso que os episódios subsequentes. Isto porque o interesse da notícia está vinculado às representações que os jornalistas têm de seus leitores. A notícia que mais envolve os leitores são as que possuem maiores capacidade de entretenimento. Como desdobramento, as notícias com maior capacidade de entretenimento são as que mais destacam o fator “interesse humano” Wolf (2003).

Traquina (2005) subdivide os valores de seleção em critérios contextuais. Sobre os mesmos o autor tem como primeiro critério a disponibilidade, ou seja, a possibilidade de cobertura do acontecimento. Dentro da disponibilidade estão todos os meios para se construir a matéria jornalística. Dentre as quais recursos financeiros, pessoal e equipamento etc.

Também mereceu atenção do pesquisador foi o critério equilíbrio. A partir deste Traquina revela que deve existir seleção daquilo que vai ser noticiado. O que já foi publicado possui pouco valor notícia. A quantidade de vezes com que uma notícia foi publicada também entra em questão. Já o critério visualidade diz respeito à imagens que fazem parte da notícia. Muitas delas são a própria notícia. Entram nesse campo as infografias, tabelas explicativas. Elas tornam a notícia mais palpável e entendida.

Sobre o critério concorrência Wolf (2003) revela que a competição entre os jornais geram três tendências: a primeira consiste na concorrência por informação exclusiva e invenções de novas rubricas editoriais como forma de se garantir audiência. Através desse recurso a cobertura jornalística se centra em outros valores-notícia como a maior participação da elite.

Outra tendência consiste na construção de matérias selecionadas de um campo de acontecimentos muito mais do que aquele estampado nos jornais, espera-se que o concorrente também aja dessa forma. E por fim, a baixa inovação em linhas editoriais. Após conseguir chegar a uma dada linha editorial, obter uma dada audiência os jornais tendem a manter as

mesmas. A concorrência tem como consequência o “estabelecimento de parâmetros profissionais e modelos de referência”.

Os valores-notícia ligados a construção são qualidades ligadas ao processo de montagem da notícia. São elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia. Através dele o jornalista, bem como os gatekeepers, sugerem o que deve ou não ser realçado, omitido, lembrado e o que deve ficar no *lead*. Wolf (2003) citando Golding e Elliot afirma que,

os valores-notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos. (Golding e Elliot apud WOLF: 2003).

Recorrendo a Ericson, Baranek e Chan, Traquina (2005) trás à tona o critério simplificação. A ideia inserida nesse contexto consiste em diminuir ou eliminar o máximo de ruídos. Quanto menos ambiguidades e complexidade, maiores são as possibilidades de a notícia vir a ser compreendida pelos leitores. Assim, as ideais pré-concebidas, os estereótipos e os clichês fazem-se necessários para a melhor compressão daquilo que fora noticiado.

O valor amplificação já expresso por Galtung e Rude (1965), consiste em amplificar ao máximo a importância de um acontecimento para que a notícia seja notada por um maior número de pessoas. Traquina trás como exemplo de acontecimentos amplificados através dos seguintes títulos: “*Brasil chora a morte de Senna*” ou “*América chora a morte de Nixon*”.

Em relação à relevância, o autor chama atenção para o sentido dado a notícia. Quanto maiores forem as informações contidas em uma notícia maiores são as possibilidades de a mesma ser notada. Cabe ao jornalista tornar o acontecimento relevante. Cabe a ele fazer a relevância de um dado acontecimento como morte, acidente, poluição etc.

Personalização é outro valor que merece destaque. Através da mesma personaliza-se o acontecimento para que o mesmo seja classificado positiva ou negativamente. Por personalização entende-se a valorização dos atores envolvidos no acontecimento, acentua-se o fator pessoas. Com essa ação atinge-se um grande número de pessoas que se identificam com a mesma situação enunciada no discurso jornalístico.

Tem-se igualmente o valor-notícia de construção que é a dramatização. Isso significa que o jornalista, em seu texto, reforça o lado emocional, a natureza do conflito exposto e outras formas de se prender o leitor.

Por fim, Traquina escreve sobre a consonância. Este valor-notícia dá-se quando o jornalista insere a narrativa noticiosa dentro de uma lógica já estabelecida. Isso significa que “a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido”. Isto ocorre para que a expectativa do leitor possa ser satisfeita.

Nesses contextos a atenção recaem, principalmente, sobre os aspectos envolvidos na construção das narrativas que estampam as páginas dos jornais. Para Wolf (2003) dois elementos são importantes na construção das matérias jornalísticas.

Na produção de informações de massa, temos, portanto, por um lado, a cultura profissional [...] por outro, há as restrições ligadas à organização do trabalho, sobre as quais se criam convenções profissionais que determinam a definição de notícia [...] Estabelece-se, assim, um conjunto de critérios, de relevância que definem a noticiabilidade (newsworthiness) de cada acontecimento, isto é, sua aptidão para ser transformado em notícia (WOLF, 2003:189).

Dessa forma, como afirma Tuchman (1977: 94), *a notícia constrói uma representação da realidade social*; ou seja, a notícia é não se põe a refletir pura e simplesmente os acontecimentos. São interpretações, não reflexo do real, como um espelho. Reforçando a ideia principal da teoria do Newsmaking.

Baseado neste argumento Leonel Aguiar revele que:

as notícias – e também as reportagens – não refletem os acontecimentos que se dão a ver, mas são antes de tudo construções narrativas que produzem condições de possibilidades através das quais a realidade se dá a conhecer (AGUIAR 2007:81).

Todas as pesquisas de Newsmaking têm, em comum, a técnica da observação participante, pois permite reunir e obter sistematicamente os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria jornalística e no processo de produção da notícia. Esta é uma das principais teorias a que esta pesquisa faz referência. A escolha dessa teoria visa dar conta de como é realizado o processo de construção da representação da realidade social elaborada pela mídia jornalística.

Seguindo a mesma lógica, Wolf (2003, p.194) afirma que é preciso, para se produzir um jornal, que todos os envolvidos no processo produtivo tenham em mente a ideia de que é necessário dosar, selecionar e encaminhar, os elementos que fazem parte da produção jornalística, desde a pauta a publicação.

Assim, defende a alienação do processo produtivo como forma de se estabelecer critérios que possam criar critérios que garantam a noticiabilidade dos eventos. Seguindo, Wolf contempla dois elementos importantes na construção das matérias jornalísticas.

O que Wolf está afirmando é que a escolha do que pode vir a ser noticiável seguem sempre uma dada orientação, pois o produto notícia está condicionado ao tempo e ao espaço. O autor tem noticiabilidade como “conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção das notícias”.

## **Revisitando o assunto estudado<sup>1</sup>**

Toda reportagem investigativa tem em comum o fato de ser provocada por algum elemento externo, seja uma notícia, reportagem ou séries. Porém ao surgir a pauta investigativa, esta é diretamente negociada, em sigilo, com os editores. O sigilo é o grande segredo do sucesso de intensa investigação. Ele garante uma boa preparação, organização, diálogo com as hierarquias e, principalmente, que a reportagem atinja seu objetivo, a denúncia. “Até mesmo um colega de redação ao comentar com alguém sobre a investigação pode levá-la à ruína” comenta João Antônio Barros, o jornalista com mais *Prêmios Esso* do jornal *O Dia*.

Foi dessa forma que João Antônio Barros na manhã do dia 8 de julho de 2008 abalou as estruturas da cúpula da máfia das milícias no Rio de Janeiro. Nesse data o jornal *O Dia* dava início a série *Dossiê Milícia*, uma complexa e completa reportagem sobre a existência e atuação de grupos paramilitares na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Depois de meses de muita investigação, negociação com os setores hierárquicos, anotações, diálogo com o

---

1 A descrição da prática jornalística fez parte do texto “Construção da reportagem investigativa: uma análise das séries de reportagens vencedoras de prêmios publicadas pelos jornais *O Dia* e *O Globo*” apresentado no XVIII Seminário de IC da PUC-Rio.

setor jurídico, entrevistas, confrontos documentais e fotografias dos envolvidos chegou às bancas um dos melhores trabalhos daquele ano.

As investigações produzidas pelos jornalistas João Antônio Barros e Thiago Prado descobriram a produção ilegal de cifras milionárias. Com a exploração dos transportes público, da venda de botijões de gás, do sinal de TV e Internet o lucro anual chega a casa da centena de milhões por ano. Desses a maioria são adquiridos através dos transportes e o restante a partir da distribuição ilegal do sinal de TV e botijões de gás. Somente na edição 20.474 foram cinco páginas de denúncias.

Na parte superior da capa, no canto direito, vinha um logotipo que percorreria todas as edições. O desenho de um alvo com o nome da série partindo do meio. Essa marca facilita o entendimento do leitor fazendo com que o mesmo entenda se tratar de uma série, incentivando-o a ler as outras edições. Pode-se dizer que as mais de 20 páginas publicadas durante os meses de julho e início de agosto abalaram até mesmo os milicianos. Após a denúncia do jornal *O Dia*, houve uma mobilização por parte das autoridades, desde a CPI da Assembleia até a Polícia Federal.

A primeira edição estampava o título: “*O Dia* revela a vida de rei dos acusados de chefiar milícia”. Trazia, ainda, boxes com temas que seriam tratados no desenrolar da matéria. “Venda na cadeia: mesmo preso em Bangu oito, o vereador Jerominho fez uma negociação imobiliária de R\$ 230 mil”. “Ouro na Barra: suspeito de ligação com milícia de Rio das Pedras, PM integra a elite do condomínio de luxo *Golden Green*”. “PM pilota lancha: policial e vereador de São Gonçalo curte a vida adoidado na Baía de Angra”. “Barão do funk: Bombeiro tem fazenda, mora em apartamento de R\$ 500 mil na Barra e vive tórrida paixão com funkeira”.

A série começou após a publicação do assunto milícia por diversos jornais. “Nada que fosse profundo” [outras publicações sobre o assunto milícia] “Sabia que poderia ser muito mais profunda, tinha muito mais coisas por debaixo dos panos”, contou Barros. E assim foi feito.

O primeiro passo foi a realização de um levantamento dos principais suspeitos e acusados de pertencer a rede de milicianos. Com a lista pronta fez-se uma verdadeira devassa na vida desses homens. Cada nome que aparecia foi colocado em pastas separadas. Tudo que era encontrado sobre uma determinada pessoa era guardado em sua respectiva pasta.

Descobre-se Cadastro de Pessoa Física (CPF), Identidade, local de moradia, origem social, e emprego. A maioria era funcionário público. A lista inclui policiais, bombeiros e ex-agentes, todos investigados pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro por comandar grupos paramilitares que dominam na atualidade pelo menos 72 favelas no Rio de Janeiro, principalmente na zona oeste.

Os levantamentos feitos nos cartórios de registro de imóveis do Rio revelaram que muito dos acusados viviam em verdadeiras mansões e eram vizinhos de personalidades como os jogadores Romário e Ronaldo – “O fenômeno”. Os milicianos passariam despercebidos se não fosse à discrepância entre o salário que ganham como funcionários públicos e o valor de seus imóveis.

Muitos desses estavam registrados nos órgãos competentes em nome dos próprios personagens investigados pela polícia por pertencerem ao grupamento paramilitar. Outros, porém utilizavam laranjas, nomes e endereços fantasmas. Barros utilizou-se intensamente da rede mundial de computadores.

Através da social Orkut o jornalista teve acesso às fotos de alguns investigados. Como o acesso somente era permitido aos amigos da rede, o jornalista fez um perfil com um nome fictício. Tendo feito isso pediu para o miliciano Cristiano Girão o aceitar como amigo. Com o sim do mesmo o jornalista teve acesso à boa parte das fotos que o incriminavam como passeios de lancha por Angra dos Reis, luxo, riqueza que seu salário não pagaria.

Cristiano Girão era conhecido como “rei” das danceterias, adorava a noite e as casas noturnas da Barra de Tijuca. Após lançar-se em candidatura foi eleito vereador, tomou posse e, meses depois foi preso dentro da câmara por pertencer à milícia o bairro Gardênia azul e ter vida de milionário com apartamentos de luxo à beira mar, mansões, fazenda e gado, carrões importados e à prova de balas e iates.

Nos textos publicados ficou claro que a maioria dos envolvidos gostava de ostentar poder por ter a nítida certeza de impunidade. A maioria dos, já criminosos, permaneceram no poder das milícias por mais de uma década. Grande parte residia no mesmo bairro, a Barra da Tijuca. Somente o PM Dilo Pereira Soares Júnior comprou um apartamento, em 2008, que vale mais de dois milhões e fica em um dos metros quadrados mais caros do Rio de Janeiro. O apartamento que só o valor da entrada foi 300 mil prometia vista para praia, lagoa e Pedra da Gávea.

Um dos casos mais inusitados que os jornalistas se depararam durante a exaustiva investigação foi o do ex-policial “Enio” que mesmo expulso da corporação foi capaz de comprar um apartamento de mais de duzentos e cinquenta mil reais. De acordo com a documentação encontrada, consta que no 6º Ofício de Distribuição, “Enio” mantém uma casa na Rua Lucio Alves, na Favela do Catiri, comprada em 2004. Ainda de acordo com os registros encontrados, o ex-sargento já fora dono de um imóvel na Avenida DW, no Recreio, outra área nobre da cidade, mas o vendeu um mês antes da compra do apartamento na Estrada do Pontal, no mesmo bairro.

Na Junta Comercial e no Cartório de Pessoa Jurídica do Rio de Janeiro os chefes das milícias aparecem registrados como profissionais de sucesso. Somente Girão, possui no bairro onde atua, um Lava a jato, o Mister M Ltda, que faturava oficialmente R\$ 26 mil por ano. Com a descoberta pela Cedae de uma ligação clandestina de água estimulou-se que o faturamento seria o dobro do declarado. Mas as empresas que mais traziam lucros para o bombeiro eram a C. Fort Lajes e Girão madeiras que chegaram a lucrar mais de R\$ 300 mil (o que foi declarado) em 2006. Os empreendimentos do militar chamaram a atenção da Polícia Federal (PF) que passou a investigar se as empresas eram usadas para lavagem de dinheiro.

A investigação do jornal *O Dia* descobriu, ainda, uma empresa credenciada para ser uma *factoring*, mas que praticava agiotagem. A *Areal Cred*, criada em 2004, na favela Rio das Pedras, pelo major Dilo Soares e o sargento reformado Dalmir Pereira faturou cerca de R\$ 50 mil (declarado) somente em 2007. É bem provável que essa cifra seja bem maior, porque segundo um morador endividado com a financeira e que não quis ser identificado, “Lá não tem SPC. Se não pagar, não fica com crédito sujo. Morre”.

A série Dossiê Milícia, mostrou que milicianos do Rio de Janeiro desfrutavam de uma vida de luxo. A equipe de reportagem se dedicou por três meses a fazer um levantamento completo dos investigados pela Secretaria de Segurança. Foram analisadas desde a pauta até a publicação da matéria 131 certidões de 22 cartórios de registro de imóveis. Os jornalistas cruzaram informações próprias com dos disponíveis em órgãos como o Serasa, Corregedoria da PM, Detran, na Prefeitura do Rio, Bombeiros, Tribunal de Justiça e Junta Comercial, além de visitar imóveis na capital e no Interior.

As reportagens no *O Dia* são assinadas e ainda trazem o endereço eletrônico dos autores. As caixas de e-mail de João Antônio Barros e Thiago Prado ficaram lotadas. Desde agradecimentos, passando por novas denúncias até ameaças.

O conjunto intitulado “Os brasileiros que ainda vivem na ditadura”, publicada pelo jornal *O Globo* faz parte de um total de três outras em que o assunto central é a favela. Entre a publicação da primeira edição, da série supracitada e o restante da mesma foram cinco meses de trabalho intenso. A ideia da coordenadora da equipe Angelina Nunes, jornalista vencedora de diversos prêmios, era mapear as principais vias dessa verdadeira ditadura.

Nunes dividiu os jornalistas em grupos de atuação, onde cada um ficou responsável por mapear uma área da cidade e por buscar histórias que se identificassem com o assunto “ditadura e favela”. Os jornalistas conseguiram mais do que se esperava. Verdadeiras histórias de terror. Um dos entrevistados revelou aos jornalistas que seu irmão foi morto por traficantes após ser julgado. “*Os traficantes derreteram saco plástico e queimaram o corpo dele*”.

Os textos foram publicados entre agosto e setembro de 2007 e traziam os títulos: “Bandidos vetam música, grampeiam telefonema e ditam até a cor da roupa”; “Polícia, tráfico e milícias desrespeitam direitos de ir e vir nas favelas”; “Moradores de favelas têm casas invadidas pelo tráfico e polícia”; “Tráfico, milícia e polícia impõem regime de terror aos moradores de favelas no Rio”; “Tortura uma prática que resiste”; “Moradores são forçados a deixar as suas casas por traficantes, milicianos e até policiais”; “Número de morte de jovens moradores de comunidades é sete vezes maior que outras áreas” e “Impunidade dos milicianos”. Para a construção das matérias foram realizadas mais de 200 entrevistas, análise de dezenas de documentos, inquéritos e processos judiciais.

O primeiro passo da equipe deu-se no sentido de quantificar as favelas, morros e outros locais onde a atuação do Estado se faz precária. Pelo fato de o número de habitantes de favelas variarem muito foram utilizados má construção da série tanto os números oficiais disponibilizados por órgão públicos quanto os oferecidos pelas associações de moradores.

Os dados colhidos mostraram que mais de 1,5 milhão de pessoas moradoras de favelas tinham seus direitos básicos de cidadão violados por traficantes, milicianos e policiais. O número é assustador porque já se passava de vinte anos do término da ditadura militar. “Diversos setores da sociedade falavam em democracia, mas esqueciam do fato de que a ditadura ainda era uma realidade”, afirmou Angelina Nunes.

A série denunciou quais eram os métodos utilizados por maus policiais, traficantes e milicianos para imporem suas vontades. Descobriu-se que havia até sessão pública de tortura, onde o torturado era arrastado, agredido na frente de todo para servir como exemplo aos demais. Segundo a extensa documentação produzida para se publicar a matéria final, em 14 anos, desde a década de 1990, policiais corruptos, traficantes e milicianos traficantes, foram responsáveis pelo desaparecimento de 10.464 pessoas, desse total 7.324 pessoas estariam relacionados a ação do tráfico e milícia. Esse número é 54 vezes mais do que o número de desaparecidos nos “anos de chumbo”, 136 segundo grupo Tortura Nunca Mais.

Através de fotografias, depoimento em delegacias, e relato dos próprios moradores, as favelas teriam “donos” e que se deveria fazer o que eles desejavam. Após serem julgados pelos “donos do poder” muitos moradores eram mortos ou expulsos da favela. A família era obrigada a fugir para também escapar da morte. Roupas, músicas, funcionamento do comércio local, tudo é imposto com base na lei do mais forte. As favelas são transformadas em verdadeiros feudos, onde maus policiais, traficantes e milicianos agem como senhores feudais, suseranos e a população, sem direito algum como vassalo.

No ano seguinte, 2008, o jornal *O Globo* deu continuidade aos trabalhos sobre favelas. Dessa vez as matérias se detiveram somente a questão dos direitos econômicos. A extensa apuração deu conta de que quase dois milhões de pessoas moradores de favelas no Rio de Janeiro era parte integrante de uma movimentação financeira que atingia a casa dos bilhões de reais. Não suficientemente para provocar uma verdadeira distribuição de renda, pois boa parte dessa cifra está concentrada nas mãos de milicianos e traficantes.

O resultado da investigação de quatro meses foi publicado em 20 páginas, durante nove dias. A equipe igualmente coordenada por Angelina Nunes era composta por 22 pessoas, sendo quatro editores, sete repórteres, sete fotógrafos, três artistas gráficos e um pesquisador. Como atualmente o jornalista não pode se dar ao luxo de sair da matéria do dia-a-dia e se dedicar integralmente à produção de uma série de reportagem, somente nos últimos 20 dias antes da publicação, foi possível deixar três repórteres fora da pauta diária, ou seja,

trabalhando em regime de dedicação exclusiva. Os demais profissionais acumularam a produção da especial com a *hard news*.

Intitulada *Favela S/A*, o conjunto foi ganhador da reportagem do ano do jornal *O Globo*, ganhou o prêmio CNH de Jornalismo e também o de Direitos Humanos da UNESCO em 2008. Entre os títulos das reportagens destaca-se “Variedade de negócios no comércio das favelas”; “Aluguéis rendem R\$ 107 milhões”; “Os novos ricos da construção”; “Tem de tudo: Formal, Informal e Ilegal”; “Vivendo no capitalismo selvagem”; “Violência como commodity” “De olho no voto e no lucro”; “Luvas da miséria”, “Invasões em série”, “De traficantes a concessionários”, entre outros.

Brigando por uma parte dos mais de três bilhões de reais que circulavam pelas favelas carioca e que foram contabilizados pela equipe do jornal *O Globo*, estavam donos de pequenos estabelecimentos, como bares, biroskas, legais ou ilegais, até bancos e rede de lanchonetes famosas em todo o Brasil. Uma das frases que mais sintetizam a realidade financeira das favelas é que “*Seja no varejo ou no atacado, no oficial ou no paralelo, a holding Favela S/A enriquece poucos, explora milhares e dá calote no Estado*”. A equipe revela que a maior dificuldade residia na pouquíssima documentação sobre as favelas, nem o Estado tem um número convincente.

O último grande senso havia sido realizado em 2000, passados quase uma década muita coisa já havia se modificado. Para a publicação da série foi necessário a realização de diversos cruzamentos de dados para consolidar os dados estatísticos, entre eles os disponíveis no Ministério das Cidades de 2007, Instituto Pereira Passos (IPP), IBGE, Dados do Programa de Aceleração ao Crescimento (PAC), Censo de Favela do Favela-Bairro, Light e Cedae.

Segundo os cálculos realizados por intermédio de computadores e dados disponibilizados por órgãos competentes, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto Pereira Passos, a renda familiar moradores de favelas é de R\$ 634,50 mensais. Outra dificuldade foi o contato com as fontes.

Demi Amora, um dos integrantes do grupo de jornalistas responsáveis pela construção da matéria, afirmou que após a morte do jornalista Tim Lopes houve um aumento no abismo entre os jornalistas e a favela. “Para preservar as fontes, as histórias foram escritas com nomes fictícios e, às vezes, chegava-se a omitir a região do entrevistado”, revelou Amora.

Para dar conta do montante arrecadado, somente com aluguéis, a equipe percorreu um longo caminho. A busca documental deu-se em cartórios de imóveis, pesquisa de bens de pessoas que lucravam como mercado informal nas favelas, busca em sites oficiais e cruzamento de banco de dados. Descobriu-se a existência de verdadeiros “tubarões” (empreiteiros) desse mercado imobiliário.

Ex-moradores da Rocinha que construíram diversos imóveis, com a renda obtida, passaram a viver em confortáveis condomínios de classe média alta na Barra da Tijuca. Os valores que mais assustam são, sem dúvidas, os produzidos por traficantes e milicianos. Esses cobram tudo o que podem, desde pedágios para que carros e transportes alternativos possam passar até serviço de vigilância. Segundo a apuração dos jornalistas envolvidos, o lucro ultrapassa R\$ 300 milhões por ano, só com vans e pedágios. Entre traficantes e milicianos, este último possui um campo de atuação mais diversificado que o primeiro.

Por terem atividades ligadas a máquina do Estado, como os vereadores, Jerominho e Girão, os deputados, Jorge Babú e Natalino, policiais e bombeiros, o que dá certa margem de impunidade, os empreendimento vão desde proteção, venda de gás, máfia de vans até a exploração sexual de menores. O Ministério Público tendo sido informado dessas ilegalidades denunciou o deputado Babú (PT) por chefiar um dos grupos paramilitares na zona oeste do Rio. O deputado foi expulso partido.

Uma das maiores contribuições da série foi mostrar aos leitores que as favelas, ao contrário do que se pensa, do que está no imaginário de boa parte da população, produz e faz

circular milhões de reais, que como em todo o país, acaba por determinar, em um microcosmo, a existência de um abismo social, tão grande como o existente na comparação entre a favela com outras áreas da cidade.

A última série da trilogia sobre favelas foi intitulada “Democracia nas favelas”. Após realizarem dois especiais sobre o tema criminalidade e favela, a equipe do jornal *O Globo* debruçou-se sobre o processo de democratização desse espaço onde o próprio Estado não dava conta. Tudo começou com a criação das chamadas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em favelas que antes eram dominadas pelo tráfico de drogas. A série exalta a entrada do Estado nessas regiões da cidade, bem como as possíveis melhorias.

A reportagem via esse momento, o da ocupação das favelas pelas UPPs, como o nascimento da nova “Constituição” que banuiu a possibilidade de existência de ditaduras no país. Pode-se dizer que em algumas áreas os “ditadores” semente mudaram de nome. Saíram os militares e entraram os traficantes e milicianos, o que tornou as favelas um lugar preterido por boa parte da população.

O confronto de ideias também fez parte da série. Essa divergência foi registrada no especial produzido somente para a Internet. No vídeo sobre o Morro Santa Marta, em Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro, a opinião do Estado sobre o funk, na figura da Capitã da Polícia Militar (PM) Priscilla Azevedo, o DJ e morador Thiago Firmino, o morador Alan Barcelos e Sabá, presidente da Associação de Moradores divergem em muito.

Para a policial o funk como era realizado, na quadra da escola de samba do morro, mesmo tendo saída de emergência e extintores não poderá mais ser realizado por existir exigências específicas, como autorização da Polícia Militar, Polícia Civil, juizado de menores etc. Para os moradores essa seria uma forma de cerceamento da liberdade.

Todo o processo produtivo durou quatro meses. Os principais títulos produzidos ao longo das publicações mostram como o Estado vem tentando se aproximar da população. Entre eles destacamos: “Controle de PMs em Realengo, Jacarepaguá e Catete mudam a rotina de moradores”; “Apesar da proibição de bailes funk, outros direitos passaram a ser respeitados”; “Moradores expulsos pelo tráfico já ensaiam volta para casa” “Parentes de bandidos não são perseguidos”; “Serviços saem das mãos de bandidos e relação de consumo mudam”; “No Batan, PMs cuidam até de poda de árvores”, entre outros. Palavras como ocupação, controle, direitos, e deveres apareceram em toda a série.

A transição traficante-Estado percorreu todas as páginas publicadas. Para isso, a equipe do jornal *O Globo* esteve em cinco favelas onde as UPPs já estavam ou seriam instaladas: Tavares Bastos, que desde 2000 abriga a sede Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (Bope) e é cenário de filmes como *Hulk* e *Tropa de elite*, Santa Marta, favela que recebeu Michael Jackson, Batan, onde os jornalistas do jornal *O Dia* foram torturados por milicianos e Babilônia e Chapéu Mangueira, em Copacabana.

Os jornalistas buscaram histórias que tivessem alto valor notícia. Dessa forma, contaram nas páginas como eram as ações do tráfico sobre a vida dos moradores das favelas, o que os moradores esperavam para o futuro, como viviam os parentes de traficantes. Como é comum nos trabalhos relacionados as comunidades carentes, o grande desafio estava pautado nas fontes. Muitas pessoas achavam que a presença da UPP seria algo passageira, daí a persistência do medo.

A trilogia publicada entre 2007 e 2009 pelo jornal *O Globo* tem como fio condutor histórias sobre uma parte da população quase sempre excluída do processo democrático e, dessa forma, vivem em condições desumanas, sem direitos, exploradas por traficantes e milicianos. As séries sagraram-se vencedoras, entre outros, dos prêmios *Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*, concedido pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, e *do*

*Instituto Prensa y Sociedad (IPYS)* de investigação jornalística, além do *Prêmio Imprensa Embratel* e *Prêmio Esso* na categoria Regional Sudeste.

Para que o leitor pudesse acompanhar as séries também foram criadas logomarcas que acompanhavam as publicações tanto em mídia impressa como online. Esta última bastante apreciada pelos editores do jornal *O Globo*. Em níveis pessoais, os jornalistas divulgam as publicações em eventos, *facebook*, *twitter* e *blogs*, ajudando ainda mais a prática do agendamento tanto de outras editorias como da sociedade. Os temas expostos pelas séries facilmente tomam às ruas e são discutidas por boa parte da população. Esse fato garante o grande sucesso de uma série.

### **Os critérios de noticiabilidade nos jornais *O Dia* e *O Globo***

Baseando-se na afirmação de Traquina que afirma ser a noticiabilidade como um conjunto de assuntos suscetíveis de se tornar notícia pode-se dizer que no tocante a série “Dossiê milícia” publicada pelo jornal *O Dia* possuem diversos Valores-notícias. Pode se afirmar que a cada publicação um novo escândalo tomava conta da cidade.

Ao analisarmos a série, baseando-se nas propostas de Traquina (2005) e Wolf (2003) observa-se a existência do valor substantivo morte. Por se tratar de uma matérias jornalísticas cujo tema central são os grupos paramilitares que atuam em diversas regiões do Rio de Janeiro (critério proximidade), sabe-se que a prática de homicídio é muito alta. Pode-se perceber que o critério percorreu todas as edições em que as matérias foram publicadas. Verifica-se, igualmente, a recorrência das palavras acusado, armas, preso, suspeito, cadeia e Bangu oito.

Pelo fato de as reportagens tratarem de pessoas ligadas ao poder, a notoriedade faz-se presente ao logo das publicações. Boa parte dos investigados pelos jornalistas João Antônio Barros e Thiago Prado são integrantes da Câmara de Vereadores do Município do Rio de Janeiro, os vereadores eleitos Carminha Jerominho, Girão, e o já vereador Jerominho e Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, o deputado Natalino.

Todas as matérias da série dizem respeito aos acontecimentos do Rio de Janeiro, principalmente a zona oeste. O estado é local esse onde residem todos os atores envolvidos no processo de construção da notícia, as fontes, os denunciados, os jornalistas e o público leito. Esses atores fazem parte de um mesmo sistema cultural, trabalham com elementos simbólicos comuns. De certa forma estão familiarizados com os temas expostos pela série como favela, violência e formação de quadrilha.

A relevância do que foi noticiado ao longo da série sobre as milícias que atuam no Rio de Janeiro é percebida pelo impacto que o tema causa na maioria da população, principalmente quando se tem entre o milicianos pessoas de relevo na hierarquia política da cidade. A proeminência do assunto deva-se ao público alvo do jornal *O Dia*, periódico de cunho popular, mas também pelo fato de que os milicos residem em áreas nobre da cidade, possuem contato com outras autoridades e artistas. Os milicianos acabam por controlar, através da exploração de gás, “gatonet” e serviço de transporte. A série revelou que 78 favelas do Rio de Janeiro eram dominadas pelos grupos paramilitares. Essas são áreas pobres, com deficiência de esgoto, água encanada e lazer. Mais de dois milhões de pessoas vivem nestas comunidades

As reportagens são temas extremamente presentes na ordem do dia. Não se fala em violência em um jornal sem se apontar para a práticas realizadas pelas milícias, ou seja para a extorsão, lavagem de dinheiro, falsa segurança e assassinatos. Todos esses assuntos, pela constante presença nos noticiários não seriam novidade se os jornalistas não tivessem feito uma verdadeira devassa sobre a área de atuação, a relação do milicianos com a comunidade, o confronto com bandidos clássicos, e, principalmente como vivem. A série mostrou para onde

iam o dinheiro que esses grupos ganhavam. Todos enriqueceram ilicitamente e ostentavam a nova riqueza. Compravam carros de luxo, apartamentos que custavam milhares de reais e até fazendas. Sendo que o salário médio dos acusados não passava de R\$ 3.000,00.

Os eventos noticiados pelos jornalistas do jornal *O Dia* acabou por ganhar notabilidade junto às diversas editorias do Rio de Janeiro, veículos de comunicação nacional, internacional e a sociedade pelos excessos realizados pelo denunciados. Os grupos de milícias impunham toque de recolher, obrigavam a compra de gás uma vez por mês, cobravam impostos além do Estado, cerceavam a vida das pessoas subjugadas a eles e cometiam assassinatos a qualquer hora do dia. Os denunciados são suspeitos de mais de 100 homicídios. Assim como os traficantes, os milicianos denunciados, possuía um verdadeiro arsenal de guerra. A cada prisão, segundo as matérias, mais armas de uso exclusivo das forças armadas eram encontradas pela polícia.

A grande surpresa das reportagens dá-se pelo número de denunciados e a importância dos mesmo na sociedade. Em países como o Brasil acostumados com a impunidade, boa parte da população não acreditou quando o jornal publicou as denúncias. A população vítima dos milicianos não esperava que o rosto dos mesmos fossem estampar as páginas dos jornais. E, principalmente, ter o desfecho que teve, a denúncia pelo Ministério Público e a prisão da cúpula. Além de conseguir provar que um dos vereadores preso por fazer parte da milícia da zona oeste negociou a venda de um apartamento de dentro da cadeia, o que prova a conivência e a corrupção por parte de alguns servidores públicos.

Os critérios contextuais também estão presentes nas matérias. O trabalho somente foi possível ser realizado devido a proximidade e a disponibilidade de se pesquisar sobre a vida dos acusados. Em pouco mais de noventa dias foram consultados diversos documentos, entre certidões, IPTU, IPVA, e CNPJ. Descobriu-se que um major da PM comprou imóvel de R\$ 2,2 milhões. Um capitão mora em condomínio com heliporto e é vizinhos de jogadores ilustres. O bombeiro Cristiano Girão que ganha R\$ 12 mil por ano, mora de frente para o mar e que um sargento pagou R\$ 300 mil em dinheiro por apartamento na Barra, zona nobre da cidade do Rio de Janeiro.

Para dar mais impacto sobre o noticiado nas páginas do jornal foram utilizados um grande número de fotografias e infográficos em que se comprovava a discrepância entre o salário e a quantidade de bens possuído pelos denunciados. As fotos revelavam a vida de rico que um simples bombeiro ou PM vivia. Carros, mulheres, festas e passeios, tudo foi registrado pelos jornalistas. Boa parte do que fora noticiado, por mais que o tema fosse recorrente na imprensa (valor-notícia frequência), era inédito e exclusivo. A forma com que as reportagens foram construídas passaram a pautar a própria imprensa. Aumentando a concorrência entre os jornais com a mesma linha editorial que *O Dia*, ou seja, mais popular.

Sobre o conjunto de reportagens intitulada “os brasileiros que ainda vivem na ditadura” publicada pelo jornal *O Globo*, também pairam diversos valores-notícia. O primeiro que fica evidente pelo próprio título “Ditadura” é a violência e morte. A reportagem tinha como foco a favela. Mas o texto repleto de “cenários” de tirania podia atingir a qualquer um, por isso, interessava a todo os leitores.

A opressão exercida por traficantes e milicianos sempre transborda para fora da favela, o que também define o valor-notícia proximidade. Em uma cidade como o Rio de Janeiro todos acabam por morar próximo a uma favela. O assunto, segundo os jornalistas, tem interesse pleno para a sociedade.

Por se tratar de uma área carente, os interlocutores, ou melhor os atores envolvidos na reportagens não são de destaque na sociedade, não possuem notoriedade pública. Porém sua histórias são repletas de relevância para a sociedade. A novidade da série reside em justamente dar voz àqueles que os jornalistas, por questão de critérios de noticiabilidade, acabam por excluir das linhas dos textos.

A exploração de um assunto como favela e violência é recorrente por parte dos jornais carioca. Nesse caso as reportagens não fugiram do esperado. Não houve ruptura com o tradicional. Contudo o modo com que a série foi construída, fazendo-se um paralelo entre uma ditadura e a favela também trouxe bastante notabilidade para o conjunto. Mais de uma milhão de pessoas estavam envolvidas no contexto mostrado pelas reportagens.

A construção das reportagens estão de acordo com os valores-notícia infração e conflito. Os fatos publicados nas páginas costumam representar rupturas na ordem social. São baseados na violação de direitos, transgressão de regras, especialmente quando se trata de ato criminoso.

O jornal *O Globo*, por possuir mais recursos do que o *O Dia*<sup>2</sup>, consegue ter uma equipe muito maior, mais dinheiro para se construir as matérias, disponibilidade de material, carros a disposição e fotógrafos. As reportagens podiam ser lidas nas versões *on line* e impressa. Aumentando o campo de atuação e garantindo audiência através de diferentes meios. Fotografias sobre a presença dos jornalistas nas favelas citadas podiam ser acompanhadas no *site* do jornal.

O valor-notícia da série Favela S/A que mais chama atenção é o inesperado, ou seja, aquilo que rompe com a expectativa do público leitor e a própria comunidade interpretativa. Quando se pensa em favela o que é mais comum entre os jornais é o aspecto violento e a pobreza que envolvem as mesmas. Dessa vez a equipe de Angelina Nunes trouxe à tona o fato de que pela favela circulam milhões de reais.

Na página 18 do dia 24 de agosto de 2008, os infográficos traziam os números do capitalismo em que estavam envolvidas as favela. As cifras davam maior visibilidade a reportagem, bem como notoriedade ao jornal e jornalistas. Nem mesmo o Estado dava conta dos números obtido pela técnica da Reportagem Assistida por Computador. Os 1,3 milhão de pessoas geravam R\$ 4,9 bilhão em salário, oito por cento das famílias que viviam em favela eram da classe média, comércio legal e informal lucram R\$ 3 bilhões. O dinheiro circulantes nas favelas vinham de fontes diversas desde venda de drogas até exploração sexual de menores.

Em reportagem sobre favela o critério contextual disponibilidade é o mais complicado. Nem mesmo os dados da prefeitura, IBGE e Estado são uníssonos. Os jornalistas tiveram que criar diversas tabelas para se tentar chegar a um número razoável que para eles estava próximo da verdade. Além disso, as fontes que moram em comunidades carentes têm medo de conceder entrevistas, pois vivem sobre o princípio da autoridade de traficantes e milicianos.

O valor substantivo notoriedade igualmente não é o mais aparente nas reportagens, a não ser pelo fato de a mesma citar traficantes e milicianos famosos. Não se baseia na fala de autoridades, pelo contrário, os dados informados pelas mesmas foram desconstruídos. Os valores relevância e proximidades são constantes em toda a série, já que somente se fala sobre as favelas da cidade do Rio de Janeiro. Essa série teve uma audiência grande. Também teve sua versão *on line*, pautou os concorrentes, e se construiu com a apresentação de um texto final repleto de furos.

Por fim, a análise dos critérios de noticiabilidade existentes no conjunto de reportagem denominado “Democracia nas favelas”. Fazendo um trocadilho com a frase de final da ditadura no Brasil “Abertura lenta e gradual”, a série trouxe a frase “Cidadania lenta e gradual”. O valor tempo, ou seja a atualidade dos fatos e disponibilidade para a construção foram importantes para o êxito do trabalho. Foram quatro meses de intensa pesquisa sobre qual seria o dever do Estado após a implantação dos Unidades de Polícia Pacificadora nas favelas que antes eram dominadas por traficantes e milicianos.

Era uma série muito notável, pois não se sabia se as UPPs dariam certo ou não, quais eram as formas que a polícia, muitas vezes vistas com desconfiança por parte dos moradores,

---

2 Palavras dos próprios jornalistas do jornal *O Dia*.

iria utilizar para se fixar nas comunidades. Publicar uma reportagem com o tema democracia nas favelas requer lembrar seu oposto, o abuso de poder, o desvio de conduta, a ausência do Estado, enfim, tudo aquilo que envolvem o valor conflito e infração.

As reportagens baseiam-se no critério equilíbrio, ou seja, diversas editorias publicavam matérias jornalísticas parecidas. Para garantir maior audiência as páginas estavam traziam cenas com apelo dramático, fotos com policiais armados e crianças brincando aos lado, a extensão da favela, o contraste entre favela e asfalto, entre outras. A série foi inserida em um contexto já conhecido, valorizando o valor consonância.

Por contar com muita experiência a equipe do jornal *O Globo* consegue conjugar *soft news e hard news*, ou seja, possuem estratégia para tornar o trabalho possível de se realizar dentro de um cronograma em que outras funções típicas dos jornalistas não sejam prejudicadas. A divisão de tarefas, o controle do que se está sendo apurado, levantado em campo e o diálogo com as hierarquias são primordiais para se concretizar esse tipo de trabalho. Os jornalistas primeiramente foram às comunidades, fizeram um breve levantamento daquilo que poderia render matérias e depois decidiram realizar a série.

### **Considerações finais**

Quando se trata dos critérios relativos aos processos típicos da modalidade investigativa do fazer jornalístico, um dos principais elementos que se deve levar em consideração quando da análise do modo de construção de uma reportagem são os critérios noticiabilidade. Estes estão ligados aos interesses e necessidades das empresas jornalísticas, bem como dos interesses dos profissionais envolvidos no processo. Sendo assim, pode-se dizer que os valores-notícia refletem visões ideológicas e são fruto de um consenso social.

O processo de construção de uma reportagem como afirma a *Teoria do Newsmaking*, está condicionada ao valor notícia atribuído a um dado acontecimento. São diversos os critérios de noticiabilidade que estão envolvidos na produção jornalística. A noticiabilidade de um fato sempre depende dos interesses e das necessidades das empresas jornalísticas, bem como da comunidade profissional dos jornalistas.

Quando se trata dos critérios relativos aos processos típicos da modalidade investigativa do fazer jornalístico, um dos principais elementos que se deve levar em consideração quando da análise do modo de construção de uma reportagem são os critérios noticiabilidade. Estes estão ligados aos interesses e necessidades das empresas jornalísticas, bem como dos interesses dos profissionais envolvidos no processo. Sendo assim pode-se dizer que os valores-notícia refletem visões ideológicas e são fruto de um consenso social.

Em relação às séries “Dossiê Milícia”, “Ditadura nas favelas”, “Favela S/A” e “Democracia nas favelas” podemos afirmar que todas possuem bons critérios para se tornarem publicas, ou seja, serem noticiadas. Possuem tanto valores se seleção quanto de construção, critérios substantivos e critérios contextuais. Os valores-notícia mais expressivos nas publicações são: relevância, significatividade, interesse, negatividade, relevância, notabilidade, equilíbrio, concorrência, amplificação, personalização e dramatização.

Fazendo-se um levantamento sobre as reportagens pode-se registrar que grade parte possui alto valor noticia e grande apelo público. Essas reportagens produziram importante impacto na sociedade ocasionando ruptura na estrutura social em que foram construídas. Muitas denunciam problemas sociais de origem diversas, como trafico de drogas, de influencia, desvio de dinheiro público e crimes hediondos.

Os jornais para informarem aos leitores contam com a construção de gráficos, tabelas e fotografias. O objetivo, em ambos, é facilitar a compreensão do assunto em questão. Essa técnica é mais utilizada no jornal *O Globo* do que no *O Dia*.

No *O Globo* os infográficos são mais presentes por que a equipe liderada por Angelina Nunes está acostumada a cobrir constas e gastos públicos. Esses assuntos por si só necessitam de tabelas e boxes de explicação para serem entendidos. No jornal *O Dia*, João Barros dá preferência ao clássico foto e texto.

Tanto na redação do *O Globo* quanto na do jornal *O Dia*, desde a pauta até a publicação, os jornalistas tiveram o apoio incondicional de seus superiores da a construção das reportagens. Lidar com as hierarquias é muito importante para se concretizar uma matéria investigativa. Sem o apoio do *Mr Gate* não existe reportagem investigativa.

A testagem exaustiva dos dados que foram levantados durante a ida a campo é uma das condições primordiais para o sucesso e diminuição da possibilidade de ocorrência de erros de investigação e abertura de processos contra jornalistas. Muitos profissionais, na ânsia de apresentar o mais breve possível a sua apuração, podem comprometer a qualidade do trabalho.

Os cuidados por conta da construção de matérias investigativas devem-se ao grau de importância dada ao conteúdo da mesma. Quanto mais complexas foram os assuntos investigados maiores devem ser os cuidados com a mesma. Essas reportagens são construções narrativas da realidade, produziram sentido para o leitor.

Todo jornalista que se lança a realizar essa modalidade de reportagem servem de inspiração para os novatos. Já que para se chegar ao status de realizar determinadas investigações somente tendo alguns anos de carreira e que esta seja reconhecida pelos próprios companheiros de profissão.

## Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Leonel. **Ensinar as práticas a partir da Teoria do Jornalismo**: uma proposta pedagógica. 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – Goiânia-GO – 27 a 30 de abril de 2007.
- BREED, Waren. **Controle social na redação**. In: TRAQUINA, N. (ORG.). **O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.
- ERICSON, R. V.; BARANECK, P. M. e CHAN, J. B. **Negotiating Control: A Study of News Sources**. Toronto: University of Toronto Press, 1989.
- GALTUNG, J. e RUGE, M. H. **The structure of foreign news**. *Journal of International Peace Research*, n.o 1, 1965.
- GOLDING, P. e ELLIOT, P. **Making the News**. London: Longman, 1979.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.
- SOUSA, Pedro Jorge. **As notícias e seus efeitos**. Biblioteca on line de Ciências da Comunicação. Universidade Fernando Pessoa:1999.
- TRAQUINA, Néilson. **Teorias do jornalismo I: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo II: a tribo jornalística . uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.
- \_\_\_\_\_. (org.). **O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.
- TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1978. .

WHITE, David. **O gatekeeper**: Uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

## **RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA PESQUISA CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NO JORNALISMO INVESTIGATIVO – REPRESENTAÇÕES DO INTERESSE PÚBLICO PELA COMUNIDADE INTERPRETATIVA DOS JORNALISTAS.**

### **ATIVIDADES REALIZADAS:**

- Transcrições de entrevistas, em áudio, realizadas no campo, com jornalistas vencedores de “Prêmios Esso” das redações dos jornais *O Globo* e *O Dia* para publicação no blog da pesquisa.  
Jornalistas entrevistados:
  - Hilka Telles. Vencedora do “Prêmio Esso de Reportagem” pelo jornal *O Globo* de 1993 com a reportagem “**Corrupção na Polícia do Rio de Janeiro**”.
  - Maria Elisa Alves. Vencedora do “Prêmio Esso Principal” pelo jornal *O Globo* de 1998 com a reportagem “**Teste do Guaraná**”.
  - Luiz Ernesto Magalhães. Vencedor do “Prêmio Esso Principal” pelo jornal *O Globo* de 2004 com a reportagem “**Bastidores do Poder**”.
  - João Antônio Barros. Vencedor do “Prêmio Esso Regional Sudeste” pelo jornal *O Dia* com a reportagem “**O Preço da Liberdade**”.
  - João Antônio Barros. Vencedor da Categoria América Latina e Caribe do “Prêmio Lorenzo Natali” pelo jornal *O Dia* com a reportagem “**Dossiê Milícia**”.
  
- Produção do 19º Encontro Anual, Compós realizado na PUC-Rio.
  
- Aluno ouvinte dos Seminários Avançados III. Teorias do Jornalismo.
  
- Elaboração da monografia: Os critérios de noticiabilidade e a construção da reportagem investigativa.
  
- Pesquisa na Biblioteca Nacional para a construção de coletânea das páginas publicadas pelos jornais *O Globo* e *O Dia* que foram selecionadas pela pesquisa “Critérios de Noticiabilidade no jornalismo investigativo”.